

GOLPE NA GUINÉ: REPERCUSSÕES GEOPOLÍTICAS PARA A INDÚSTRIA CHINESA

*Publicado no Geopolitical Monitor. Tradução e adaptação de Albert Caballé Marimón**



O coronel Mamadi Doumbouya (Foto: VisionGuinee.Info).

Elementos do exército da Guiné se encarregaram de escrever um novo capítulo na tumultuada história política do país da África Ocidental, com consequências para os interesses industriais e econômicos chineses.

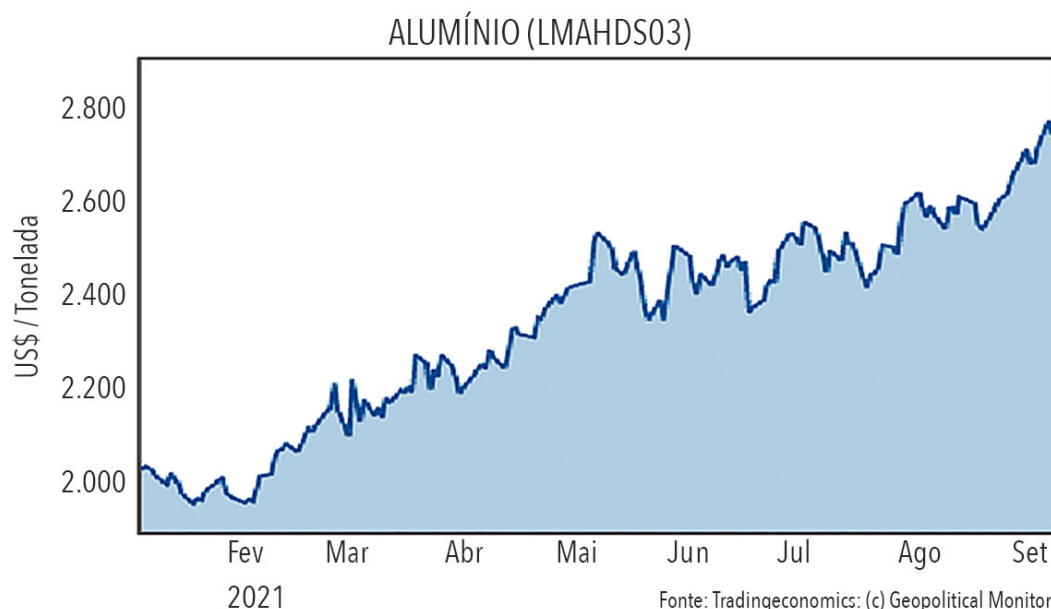
Um grupo de soldados deteve o presidente Alpha Conde no fim de semana após uma batalha campal em torno do palácio presidencial. O golpe parece ter sido liderado pelo coronel Mamadi Doumbouya – ex-legionário francês – embora a extensão do apoio de Doumbouya dentro das forças armadas permaneça desconhecida.

Os líderes militares justificaram o golpe em termos populistas, citando as péssimas estradas e hospitais do país, apesar de sua abundante riqueza mineral. Doumbouya anulou a constituição e prometeu restaurar a democracia em algum momento no futuro.

O ex-presidente Alpha Conde já foi aclamado como um arauto da reforma democrática em um país que sofreu décadas de autoritarismo, corrupção e golpes de estado rotineiros desde que se tornou independente da França em 1958. Conde foi nitidamente menos comprometido com a proteção das liberdades democráticas ao assumir em 2010, no entanto, e sua eventual insistência em se candidatar a um terceiro mandato – apesar dos limites constitucionais dos mandatos – gerou uma onda de protestos violentos no final do ano passado.

PEQUENO PAÍS, GRANDE IMPACTO ECONÔMICO

Embora seja um país pequeno com cerca de 13 milhões de habitantes, a Guiné está acima do seu peso em termos econômicos pelo caráter estratégico do seu principal produto de exportação: a bauxita, que representa cerca de 46,5% da sua carteira de exportações. Para ter uma noção da importância da indústria de mineração para a Guiné, o ouro representa outros 46% das exportações.



A Guiné é o segundo maior produtor mundial de bauxita, principal insumo na produção de minério de alumínio, e abriga as maiores reservas de bauxita do mundo. Os preços do alumínio já haviam subido quase 40% em 2021 devido ao estímulo relacionado ao covid-19, à recuperação econômica e aos gargalos de transporte. O golpe efetivamente colocou mais lenha na fogueira, fazendo os preços subirem mais 3%, chegando a US\$ 2.768 por tonelada – um nível inédito desde maio de 2011.

Os líderes do golpe até agora tentaram proteger o lucrativo setor de mineração do país da ruptura, conclamando as empresas de mineração a continuar com suas operações normais. Eles também indicaram que os acordos de mineração pré-existentes serão honrados. No entanto, duas considerações parecem merecer uma abordagem de “esperar para ver” para os investidores estrangeiros: 1) o golpe pode não ser um “negócio fechado” e um conflito pode estourar entre apoiadores e detratores do golpe, ou dentro do próprio círculo interno dos autores do golpe; e 2) a linguagem populista em que o golpe está envolto potencialmente sugere uma reavaliação do contrato social que sustenta o setor de mineração da Guiné, se for levado pelo valor de face.

ALTOS RISCOS GEOPOLÍTICOS PARA A CHINA

Pequim tem muito a perder se o golpe afetar a continuidade dos negócios. A China obtém cerca de 55% de sua bauxita da Guiné, que utiliza na produção de alumínio. Segundo estimativas, cerca de 20% de todo o alumínio do mundo é produzido a

partir da bauxita guineense. A China também lidera a produção de alumínio por larga margem. Em 2019, a China produziu 36 milhões de toneladas de alumínio; o segundo país foi a Índia com 3,7 milhões de toneladas.

A dependência da China na bauxita guineense, portanto, preparou terreno para movimentos de preços voláteis daqui para frente. E esses movimentos não ficarão restritos aos mercados de alumínio, já que o metal industrial é um insumo fundamental em uma variedade de produtos de consumo que vão desde latas de cerveja até *iPhones* (cada *iPhone* contém 31 gramas de alumínio). Portanto, interrupções significativas de fornecimento na Guiné arriscam criar outra tendência inflacionária num momento em que os preços de energia estão subindo.

Existem poucas alternativas atraentes para os legisladores chineses que buscam reduzir a dependência da bauxita guineense. A Indonésia proibiu a exportação de matérias-primas, incluindo bauxita, a fim de estimular a indústria de processamento doméstica. Isso deixa a Austrália, outro produtor mundial. As exportações de bauxita australiana para a China foram poupadas até agora na disputa comercial bilateral em curso. No entanto, há muito tempo fica claro que Pequim pretende reduzir sua dependência das exportações australianas de insumos essenciais.

A EXTENSA MINA DE FERRO DE SIMANDOU ESTÁ NA BALANÇA



Por falar nisso, a Guiné figura com destaque em outra jogada chinesa para reduzir sua dependência excessiva das exportações estratégicas australianas: o desenvolvimento do complexo de mineração de Simandou, lar das maiores reservas inexploradas de ferro do mundo. Os principais financiadores estrangeiros do projeto são o Grupo Rio Tinto e o China Baowu Steel Group. Este último assumiu a participação da Aluminum Corp of China (Chalco) em 2020. A infraestrutura de apoio ao complexo já foi aprovada, com estimativa de custos na faixa de US\$ 15 a US\$ 23 bilhões para viabilizar o projeto. Com data de produção em 2026, Simandou pode muito bem ser uma virada de jogo nos mercados globais

de ferro, com uma produção inicial de até 60 milhões de toneladas de minério de ferro de alto teor por ano.

O projeto Simandou causou grande controvérsia ao longo dos anos. Por um lado, representa um pesadelo logístico, já que as minas estão localizadas nas profundezas da Guiné, exigindo um investimento inicial significativo em infraestrutura para permitir que o minério chegue aos mercados globais. Esse investimento poderia ser mitigado com o encaminhamento do minério pelo porto de Buchanan, na Libéria, que é geograficamente muito mais próximo do que Conakry. No entanto, o governo Conde resistiu a tais pressões, na esperança de manter a operação de Simandou – e os bilhões em investimentos que representa – um assunto totalmente guineense. A propósito, será interessante ver que posição a nova junta assume nesta frente.

A governança é outra questão, nomeadamente a cultura profundamente enraizada de corrupção e o fraco quadro regulamentar sob o qual os gigantes da mineração operam na Guiné. Simandou já é sinônimo de enxerto e inépcia burocrática. Depois que a Rio Tinto recebeu pela primeira vez os direitos totais de mineração em 1997, vários blocos foram desapropriados pelo estado, transferidos por decisão judicial e/ou despojados na sequência de casos de corrupção de alto perfil. O ímpeto do projeto nos últimos anos é mais um fator de vontade política do lado chinês, motivado por preocupações geopolíticas, ao invés de qualquer mudança material no clima de investimento da Guiné.

Simplificando: Simandou era “uma ponte longe demais”, mesmo antes do golpe da semana passada. E dada a falta de um dividendo de desenvolvimento após décadas de investimento estrangeiro em ouro e bauxita, o último dos quais suportou anos de preços intermitentemente baixos devido à superprodução de alumínio global, será difícil para a junta manter qualquer aparência de credibilidade popular sem visar diretamente o tipo de prática de negócios nas quais a China e outros gigantes da mineração há muito prosperam.

É seguro dizer que o golpe representa uma perda líquida potencial para a China, cuja verdadeira extensão ainda está por ser vista.

****Albert Caballé Marimón** possui formação superior em marketing. Depois de atuar trinta e sete anos em empresas nacionais e multinacionais, dedica-se à atividade de pesquisador nas áreas de História Militar, Defesa e Geopolítica. É fotógrafo e editor do site Velho General. Já atuou na cobertura de eventos como a Feira LAAD, o Exercício CRUZEX, a Operação Acolhida, o Exercício Treme Cerrado e proferiu palestras na Academia da Força Aérea (AFA). É colaborador do US Naval Institute (USNI) e do Canal Arte da Guerra.*
